

Autora Bestseller do *Sunday Times*

C. L. TAYLOR

EM FUGA

Nenhum lugar é seguro



TOP
SEL
LER

«Sombrio e arrepiante... De leitura obrigatória.»

THE SUN

Ao meu filho, Seth Hall
«Adoro-te para sempre»

Primeira Parte

Capítulo 1

Vem uma mulher imediatamente atrás de mim, a acompanhar todos os meus passos. O perfume dela cola-se-me ao fundo da garganta: é uma mistura forte e inebriante de almíscar com um elemento floral. Jasmins, talvez, ou lírios. Ela está tão perto que provavelmente chocaríamos se eu parasse de repente. Porque é que não me ultrapassa de uma vez? É uma rua tranquila, nas traseiras da universidade, com lugar para meia dúzia de carros, mas o passeio é suficientemente largo para duas pessoas passarem à vontade.

Estugo o passo. A Elise vai ser a última criança na creche, completamente sozinha e a pensar onde me terei metido. Eu estava pronta para sair do trabalho às 17 horas em ponto, mas uma aluna entrou no meu gabinete e desatou a chorar. Não tinha entregado o trabalho a tempo e estava cheia de medo de que a expulsassem do curso. Eu não podia ir-me simplesmente embora com ela assim, naquele estado. Tive de a acalmar. Quando ela saiu, levava de novo um sorriso nos lábios, mas o suor escorria-me de debaixo dos braços. Eram 17h15. Nunca saio do trabalho tão tarde. Nunca.

Estou a cerca de cem metros do meu carro. Em menos de um minuto, estarei sentada ao volante, de porta trancada, a ligar o motor e a pôr a música a tocar. Estarei a salvo. Vai correr tudo bem.

Cinquenta metros.

Ouçõ a respiraçõ ofegante da mulher atrás de mim. Também acelerou o passo.

Vinte metros.

Sinto um movimento ligeiro nas costas do casaco, como uma mão a tentar agarrá-lo, sem o conseguir.

Dez metros.

Os saltos dela matraqueiam atrás de mim quando desço para o asfalto e me aproximo da porta do condutor. Levo a mão ao bolso do casaco à procura das chaves, mas só encontro um lenço amarrotado, um pacote de passas e uns papéis de rebuçado. Enfio a mão no outro bolso e aperto a chave com os dedos. Nesse preciso momento, uma mão agarra-me no ombro.

O coração salta-me no peito, e viro-me, erguendo os braços para me defender.

— Calma! — A mulher, uma loura da minha idade, recua, assustada, de olhos arregalados. Tem um casaco de penas grosso, umas calças de ganga muito justas e saltos altos. — Só lhe ia pedir uma indicação.

O medo esvai-se-me do corpo com um sopro entrecortado. Ela só quer indicações.

Os olhos da mulher, delineados a *eyeliner* preto, não se despegam de mim.

— Sabe onde fica a paragem de autocarro para a Brecknock Road?

Sinto um estremecimento de surpresa.

— Brecknock? É onde moro.

— Ah, sim? — diz ela. — Que coincidência.

Pensei que ela andasse pelos 40, como eu, mas a falta de rugas na testa e as sobrancelhas arqueadas são traídas pelo queixo descaído e o pescoço engelhado, que sugerem ser pelo menos dez anos mais velha.

Ela olha para a minha mão, encostada à janela do carro.

— Por acaso não vai para lá agora?

— Desculpe?

— Para a Brecknock Road. Podia dar-me boleia?

Não sei como reagir. Não a quero dentro do meu carro. Não quando me estou a sentir assim. Tenho de me acalmar antes de chegar à creche. Não quero que a Elise me veja neste estado.

A loura vira os olhos para o passeio quando um tipo mais novo de sobretudo passa por nós. Vai ao telemóvel e nem sequer olha para nós.

— O meu filho e a minha filha são iguaizinhos. Passam a vida com o nariz enfiado no telemóvel — diz ela jovialmente quando o homem desaparece na esquina e ficamos novamente sozinhas. Ou não percebeu o desconforto que me causou o seu pedido, ou simplesmente não se rala.

— Eu... hum... — Coloco a chave na fechadura. — Desculpe. Não vou direto para casa. Tenho de passar primeiro na creche para ir buscar a minha filha e...

— A Elise, não é?

Fico com a garganta apertada, sem conseguir respirar.

— Perdão?

— É um lindo nome. Um pouco antiquado, mas parece que isso está na moda, não é? A minha nora queria chamar Ethel à filha. Ethel, pelo amor de Deus.

— Como é que...? — Volto a escrutinar o rosto dela, mas não se acende a mínima luz no meu cérebro. Não me lembro de alguma vez ter visto esta mulher. — Desculpe, mas conhece-me de algum lado?

Ela pigarreia, um ruído baixo que lhe sai do fundo da garganta, e estende-me a mão.

— Desculpe, devia ter-me apresentado primeiro. Sou a Paula, a mãe do John. Ele mora na sua rua, um pouco mais abaixo. Já a vi a si e à sua filha a entrarem no carro de manhã quando levo a minha neta ao parque. Às vezes fico a tomar conta dela. Moro em Taunton, e não estou muito habituada a vir ao centro de Bristol. — Ela olha para o meu carro em tom de súplica. — Então, sempre me pode dar boleia? Agora que já sabe que eu não sou uma assassina?

Fico petrificada com a indecisão. Não conheço ninguém chamado John, mas também a rua é bastante grande. Seria antipático recusar-lhe boleia, e não quero fazer inimigos entre os vizinhos num bairro tão agradável, mas nunca dei boleia a ninguém. Não faz parte da minha rotina.

— Por favor — diz ela. — Vou tomar conta da minha neta hoje à noite, e o John há de ficar a pensar onde é que me enfiei.

Tomo uma decisão instantânea. É mais rápido dar-lhe boleia do que recusar e arriscar-me à discussão subsequente.

— Está bem. Mas tenho de a deixar na creche da minha filha. Não fica longe de Brecknock.

— Bem-haja, minha querida. Agradeço-lhe muito.

Ela espera que eu abra a porta do condutor e depois dá a volta ao carro, sentando-se ao meu lado. Ponho o cinto e coloco a chave na ignição, mas ela, no lugar do passageiro, não puxa o seu. Em vez disso, passa a mão pelo tabliê e mexe no trinco do porta-luvas, que se abre de repente. Vasculha lá dentro, tirando discos, recibos e manuais, e depois estica o braço, à procura de qualquer coisa debaixo do banco.

Olho para ela, incrédula, enquanto ela se vira para trás e dá uma vista de olhos aos assentos traseiros.

— Posso ajudá-la?

Ela ignora-me, salta para o banco traseiro, apalpando os lados e a parte de trás da cadeira da Elise, e de seguida levanta a chapeleira e espreita para a bagageira.

— Paula? — Tiro o cinto. — Importa-se de parar com isso, por favor?

Ela vira-se novamente para mim, com os lábios apertados e os olhos semicerrados.

— Não me diga o que fazer, Jo.

A transformação é chocante, sem o mais pequeno vestígio da personalidade jovial e amável. Ela mentiu-me. Não tem nenhum filho chamado John que vive na minha rua. Nunca foi ao Perrett's Park passear com a neta. E eu nunca lhe disse o meu nome.

— Quero que saia já do meu carro — peço, com a voz mais firme que consigo.

Um sorriso quase impercetível assoma-lhe aos lábios, enquanto endireita o casaco e se senta no banco de trás. Estica o braço esquerdo e passa-o à volta da cadeira da Elise.

— É uma linda menina, a sua filha — sussurra ela entredentes, mas suficientemente alto para eu a ouvir. — Não acha, Jo?

Aqueles olhos malévolos fazem-me sustar a respiração.

— Saia — digo outra vez. Apareceu um homem ao fundo da rua. Se eu abrir a porta e gritar, ele vai ouvir-me. Ela vê-me a olhar pelo espelho.

— Vá lá. Também não é preciso ser desagradável. Eu perdi uma coisa. É só isso. E acho que o seu marido deve saber onde está.

Fico pasma.

— O Max? O que é que o Max tem que ver com isto?

Ela volta a olhar por cima do ombro — o homem chegou junto ao carro atrás do meu — e puxa o manípulo da porta.

— Ele há de saber do que se trata. Diga-lhe só para falar conosco. Ah, e só mais uma coisinha. — Enfia a outra mão no bolso. — É melhor ter cuidado com as coisas da sua filha — diz, pousando uma pequena luva de lã às cores na cadeira da Elise. — *E com a sua filha* — acrescenta ao sair.

Capítulo 2

Max Blackmore suspira ao ver o telemóvel ganhar vida, a vibrar sobre a secretária de madeira que o separa da sua editora. Pega nele e olha para o ecrã. É Jo, de novo. É a terceira vez que lhe liga desde que ele saiu para o trabalho às 8 horas. Já teve de a tranquilizar dizendo que sim, que acha que Elise pode ir para a creche com um bocadinho de tosse, e que sim, que vai passar na farmácia a comprar mais paracetamol antes de ir para casa. Resolveu ignorar o telemóvel pessoal na última meia hora, mas agora ela está a ligar-lhe para o telemóvel do trabalho.

A editora dele, Fiona Spelling, reclinase na cadeira e cruza os braços. Mostra-lhe uma cara inexpressiva, o que significa que o seu humor, geralmente bem-disposto, estás prestes a tornar-se irritável.

— Vais atender?

Ele guarda o telemóvel no bolso do casaco.

— Pode esperar.

— Tens a certeza? É que já sabes que a seguir ela vai ligar-me a mim, se não conseguir falar contigo.

Max faz um trejeito. Nunca devia ter dado o número de Fiona à mulher. Era só para a tranquilizar — para ela poder saber se estava tudo bem quando ele não pudesse atender —, mas ela passou a usar o número tantas vezes que até o adicionou à lista de marcação rápida no seu velho *Nokia*: um para ele, dois para a mãe

dela, três para a creche, quatro para a chefe dela e cinco para a dele. Ele implorou-lhe que apagasse o número de Fiona, mas ela nem quis ouvir falar nisso.

— É a agorafobia — desculpa-se ele. — Deixa-a sempre extremamente ansiosa.

— Mas ela não trabalha no gabinete de apoio aos estudantes na universidade? Não pode ser assim tão mau se consegue manter um emprego.

Max faz um sorriso pesaroso. Pensara o mesmo, em tempos: que quem sofre de agorafobia tem de ficar prisioneiro em casa. Porém, não era assim tão *simples*, como lhe explicara Jo inúmeras vezes. Ela não tinha medo de sair de casa, mas apenas de dar consigo em situações de onde não pudesse fugir ou em que não conseguisse pedir ajuda.

— É mau — diz ele. — *Muito* mau. A Jo consegue ir trabalhar, mas não é capaz de levar a Elise ao parque nem ao jardim zoológico. Já nem sequer vai às compras, desde que teve um ataque de pânico na mercearia da esquina porque pensou que estava alguém a olhar para ela de forma estranha.

— Ena! — A chefe dele arqueia uma sobancelha.

Fiona não sabe da missa a metade. Ele e Jo não têm relações sexuais há mais de um ano. Já haviam passado por uma fase de abstinência, quando ela tinha tanto medo de engravidar que não o deixava sequer aproximar-se dela, mas depois conceberam Elise e ele partiu do princípio de que as coisas haviam de voltar ao normal. Não voltaram. Ficaram piores.

— Enfim, Max — diz Fiona, apontando para o ecrã do computador. — Parabéns. Li o teu artigo e está bastante bom. Mesmo bom. Qual é a sensação?

— Qual é a sensação de quê?

— De sacar uma condenação à conta da tua própria investigação. Ele apanhou o quê, cinco anos?

Max sorri pela primeira vez desde que se sentou. Daria tudo para ter visto a cara de Ian White quando a polícia lhe bateu à porta para o prender. O grandessíssimo filho da mãe. Tinha criado uma rede nacional de agiotas que emprestavam dinheiro com juros absurdos a mães solteiras, reformados e pessoas carentiadas, e depois aparecia-lhes em casa a ameaçá-los quando não

conseguiam pagar a dívida. Coação, drogas, violência física: valia tudo, para ele. Max tinha presenciado um dos capangas de Ian a empurrar um velhote contra a parede da sua própria casa quando disse que teria de ficar uma semana sem comer se pagasse aquela prestação. Não conseguiu reagir. Não o podia impedir. Só lhe restava rezar para que a microcâmara instalada nos seus óculos estivesse a filmar o suficiente para servir de prova contra os sacanas.

— E não tiveste medo de ser descoberto? Ninguém na Cash Creditors desconfiou de ti? — pergunta Fiona.

— Houve algumas situações mais complicadas, mas consegui desvencilhar-me delas.

— Porque é que isso não me surpreende? — A chefe exhibe um sorriso aberto. — Então agora temos de passar a tratar-te por Donal MacIntyre?

— Não. — Faz um gesto desdenhoso com a mão. — Esse já passou à história. Max Blackmore serve perfeitamente, mas, se fizerem muita questão, podem tratar-me por «senhor».

Arrepende-se imediatamente quando o sorriso de Fiona se desvanece e ela ergue o sobrolho. Merda. Aquela sua velha mania de levar uma boa piada longe demais.

Capítulo 3

Assim que a campainha toca e me abrem a porta, atravesso a creche a correr, desviando-me dos cabides, de uma lagarta gigante feita de papel machê e de várias educadoras.

— Elise?

Escorre-me um fio de suor pelas costas e atrapalho-me com a maçaneta da porta da sala dos 2 anos. Quando entro, tenho meia dúzia de pares de olhos pequeninos a olharem para mim num misto de curiosidade e de alarme. Nenhum deles é da minha filha.

— Está tudo bem, Jo?

A Sharon, com o seu rabo de cavalo composto e o sorriso ainda mais impecável, olha para trás de onde está sentada com as crianças, com um livro nas mãos. Outra das educadoras da creche, uma rapariga muito querida de 18 anos chamada Bethan, levanta os olhos da mesa que está a limpar. Dá-me um sorriso de boas-vindas, mas parece preocupada.

— Jo? — diz a Sharon, e eu volto a escrutinar as caras das crianças, para o caso de me ter escapado alguma.

— Não vejo a Elise. Onde está ela?

Não espero pela resposta. Em vez disso, abro a porta que dá para o recreio. Está vazio: a caixa de areia abandonada, com um monte de ferramentas de plástico de várias cores espalhadas, iluminadas pela luz de segurança.

— Jo? — A Sharon surge ao meu lado, com uma expressão irritada. — O que é que se passa? Tenho a certeza de que a Elise há de estar...

— Mamã!

O gritinho de súplica do outro lado da sala faz-me virar. E lá está ela, a minha pequenina, com o seu cabelo louro ainda preso nos totós que eu própria lhe fiz hoje de manhã, a agarrar a mão da Alice, a educadora dela. Eu gosto da Alice. É simpática e meiga, e não me dá sermões sobre os horários quando me atraso cinco minutos.

— Fui fazer chichi — diz a minha filha, muito orgulhosa, enquanto eu atravesso a sala de um salto. — Na sanita — acrescenta, quando a pego ao colo e encosto o pescocinho dela à minha cara.

— A ideia foi dela — explica a Alice. — Ela disse que já não queria usar fraldas.

— Valha-me Deus! — Aperto-a com força e afago-lhe o cabelo. — Oh, valha-me Deus!

— Jo? — O tom de voz da Alice torna-se diferente. — Está tudo bem consigo? Parece muito pálida. Foi o seu padraço? Aconteceu alguma coisa?

Queria contar-lhe que acabei de atravessar Bristol prego a fundo, porque tinha a certeza de que a mulher que me enganou e entrou no meu carro havia conseguido, de alguma forma, fazer mal à minha filha. Fartei-me de ligar ao Max, mas ele não atendeu. Nem a Fiona, a chefe dele. Tentei telefonar à polícia, mas não conseguia respirar, quanto mais falar, e desliguei antes de conseguir sequer estabelecer a ligação. As mãos tremiam-me tanto que tive de tentar enfiar a chave na ignição três vezes para conseguir ligar o carro. Queria contar aquilo tudo à Alice, mas precisava ainda mais de levar a Elise para casa. Havemos de ficar seguras lá.

— Jo! — grita a Alice quando eu desato a correr pela creche com as perninhas da Elise apertadas à volta da minha cintura e a cara enfiada no meu pescoço. — Tem de assinar a folha de saída. E esqueceu-se do casaco dela!

Atrapalho-me novamente com o trinco. Os outros pais estão à espera para entrar, olhando-me por detrás da porta de vidro. Os seus sorrisos transformam-se em frustração. Estou a tremer

tanto que não consigo controlar os meus dedos. A Sharon aproxima-se por trás de mim, finalmente. Coloca-me nas mãos a mochila e o casaco da Elise e abre a porta com um movimento subtil. Murmuro uma desculpa aos outros pais enquanto eles se afastam para me deixarem passar.

— Parecia um bocadinho descontrolada — diz uma mulher em voz baixa, mas suficientemente alto para eu a ouvir do passeio.

— Se calhar bebeu um copito de vinho a mais ao almoço — comenta alguém, e um coro de gargalhadas persegue-me rua abaixo até ao carro.

Em casa, detenho-me à entrada da sala com a caneca de leite da Elise na mão. Há uma mulher a rir-se lá fora, na rua — um cacarejar rouco e sonoro que me provoca pele de galinha nos braços. Aquela tal de Paula sabe onde moramos. Já me viu a levar a Elise ao parque. Provavelmente já nos viu a sair de casa. Já confirmei — duas vezes — se todas as portas e janelas estão trancadas, mas corro, ainda assim, até à porta da rua para abanar a fechadura, só para ter a certeza. Continua trancada.

Apresso-me a voltar à sala, onde a minha filha está sentada no sofá, a ver televisão, com uma manta sobre as pernas e a Elefanta Effie, o seu peluche preferido, encostada ao peito.

— Leite — pede ela, enquanto eu atravesso a sala, afasto a cortina e espreito lá para fora. Duas mulheres, ambas de cabelo escuro, vagueiam pela rua. A da direita ri-se novamente e a amiga dá-lhe uma palmada amigável no braço. Não é a Paula. Mas isso não significa que estejamos a salvo.

— Aqui tens, querida. — Obrigo-me a fazer um sorriso ao dar-lhe a caneca de leite. Ela não desvia os olhos do ecrã. Está hipnotizada com o Makka Pakka a encher de pedras, uma a uma, um carrinho de mão. Está descontraída e feliz... Quem me dera poder sentir-me assim.

— A mamã vai só arrumar umas coisas para irmos visitar a avó e o avô durante uns dias. Volto daqui a um segundo. Vou só lá acima.

Mexo-me depressa, correndo de quarto em quarto, a juntar roupas, fraldas, brinquedos, artigos de higiene e medicamentos.

Estaco de repente sempre que ouço um ruído estranho e grito pela minha filha para me certificar de que está tudo bem. Atiro com tudo para dentro de uma mala com rodas e depois volto ao quarto da Elise. Fico parada no meio do quarto com as mãos nas ancas, à procura de alguma coisa que me possa ter escapado. Nem posso acreditar que o Max nos fez isto. Ele *prometeu-me* que nunca poria a nossa família em perigo. Tranquilizou-me dizendo-me repetidamente que estaríamos a salvo, que ninguém viria atrás de nós por causa daquela investigação. E eu acreditei nele. Não sei quem terá sido mais ingénuo, se ele se eu. O nosso casamento tem andado nas últimas há já algum tempo. Tentei aguentar, por causa da Elise, mas acho que deixei de ser capaz. Não posso passar o resto da vida com um homem que põe a carreira à frente da segurança da própria família.

Volto ao meu quarto, corro o fecho da mala e depois abro-o de novo. Terei mesmo tudo aquilo de que preciso para a Elise? Pouco importa se faltar alguma coisa minha, mas pode ser problemático se me esquecer de algo dela. Não posso pedir à mãe que deixe o Andy sozinho para ir às compras por mim. E se eu tiver de ir...

Agarro o puxador da gaveta de cima da cómoda e inspiro fundo. Hei de ser capaz. Já conduzi até à casa da minha mãe montes de vezes e nunca aconteceu nada. Conheço bem o caminho: pela M5 e depois pela A41 até ao fim. Cerca de três horas de viagem. Já são quase 19 horas, e é provável que a Elise durma o caminho praticamente todo.

— Querida! — Arrasto a mala escadas abaixo, abandono-a à entrada e volto a entrar na sala. — A mamã tem de te pôr uma fralda antes de sairmos. Só para não haver nenhum descuido se adormeceres.

A Elise olha para mim e abana a cabeça.

Mostro-lhe uma fralda e faço um sorriso encorajador.

— Vamos só pôr isto e depois podemos ir embora. Vamos visitar o avô e a avó.

— Não. — O lábio treme-lhe. — Fralda não, mamã.

— Por favor, Elise.

Ao sentar-me no sofá, ouço a chave a girar na fechadura da porta da frente.

Logo de seguida, o meu marido voa sala adentro, com as faces rosadas e os olhos arregalados. Olha para a Elise e arranca-me dos braços, dando-lhe palmadinhas nas costas enquanto a segura apertada contra o peito. Repara que eu estou espedada a olhar para ela.

— Porque é que não atendeste o telefone? — pergunta-me entredentes. — Pensei que a Elise tinha... Eu... Não podes deixar uma mensagem daquelas e depois NÃO ATENDER O TELEFONE.

A Elise dá um guinchinho assustado com o berro dele.

— Desculpa, desculpa, bebé. — Ele afaga-lhe o cabelo, com a grande palma da mão à volta da nuca dela. — Não queria assustar-te.

— Max — digo, tentando manter a voz o mais calma possível —, podemos falar sobre isto na cozinha, *longe* da Elise?

— Desculpa! — diz o Max, assim que entramos na cozinha. — Não devia ter gritado contigo. Eu só... Mas que merda, Jo, pregaste-me um susto do caraças! — Esfrega a cara com as mãos, olhando para mim por entre os dedos abertos.

— *Tu* é que apanhaste um susto? Onde raio é que estiveste? Eu liguei-te. Tentei falar imediatamente contigo.

— Estava numa reunião com a Fiona.

— A sério? — Não consigo evitar uma ponta de incredulidade.

— Por acaso fazes a mais pequena ideia daquilo por que...

— Desculpa. Pronto. Conta-me o que aconteceu.

Ele ouve, apertando e desapertando os punhos das mãos, enquanto eu lhe conto que fui seguida na rua, que uma tal de Paula entrou no meu carro e que ameaçou a Elise. Faço uma pausa quando chego ao fim, à espera de uma reação, mas o Max fica calado.

— O que foi? — pergunto. — Porque é que estás a olhar para mim assim?

— Eu... — Ele passa a mão pelo cabelo. — Estou em choque. Estou... a tentar perceber o que se passou.

— A tentar perceber o quê? Uma estranha entrou no meu carro e começou a vasculhar à procura de qualquer coisa e depois ameaçou a Elise. E ela conhece-te, Max. O que é que queres tentar perceber? Temos de ligar à polícia.

— A mulher disse que se chamava Paula?

— Sim.

— Paula quê?

— Não me disse o apelido.

— Como é que ela era? Eu trabalhei com uma Paula há seis ou sete anos. Ela foi de licença de maternidade e acabou por não voltar.

— Era loura, com 50 e poucos anos?

— Não. Tinha 20 e tal e era mulata. E não teve nenhuma desavença comigo.

— Não te consegues lembrar de mais nenhuma Paula que te possa conhecer? Alguém que tenhas investigado ou sobre quem tenhas escrito?

— Não. Lembrava-me, se fosse o caso. E sabes perfeitamente que só fiz um trabalho de investigação.

— Mas já entrevistaste carradas de pessoas e escreveste centenas de artigos. Deves ter irritado pelo menos uma Paula ao longo dos anos. Se calhar é melhor ligares à Fiona — acrescento, antes que ele possa dizer que não. — Ela pode procurar nos arquivos, por exemplo. Aí já teremos o que levar à polícia.

— Não. — O Max abana a cabeça. — Jo, não vou ligar à Fiona. Para já, ela deve estar em casa, e depois...

Ele hesita.

— E depois o quê? Porque é que estás a olhar de novo assim para mim?

— Assim como?

— Como se não acreditasses em mim.

— Não estou nada.

— Estás, sim. Estás a olhar para mim como daquela vez que te contei do meu ataque de pânico na mercearia da esquina.

— Oh, valha-me Deus! — O Max deixa-se cair de encontro ao armário da cozinha. O aglomerado de madeira manhoso range com o peso dele. A nossa casa não é a única coisa que está a cair aos bocados. — Temos mesmo de voltar a falar nesse assunto?

— Temos, pois. Eu contei-te que me senti ameaçada pela maneira como aquela mulher estava a olhar para mim, e tu disseste...

— Que ela estava só preocupada porque a Elise estava a fazer uma birra. Era a dona da loja, Jo. Se eu tivesse uma loja e uma

criança desatasse a berrar, se calhar também olhava assim para a mãe dela!

— Mas hoje foi diferente! Aquela mulher ameaçou-me. Ameaçou a Elise. Não posso acreditar que não leves isto a sério. Olha! — Enfio a mão no bolso das calças de ganga e tiro a luva às cores da nossa filha. — Ela deu-me isto. É impossível ter-lhe deitado a mão se não tiver estado bem perto da Elise. Pus-lhe as duas luvas no bolso quando a levei à creche hoje de manhã.

O Max esfrega a parte de trás do pescoço com a mão e lança-me um olhar exasperado.

— Já procuraste a outra luva nos bolsos da Elise? — Viro os olhos na direção da porta da frente, onde deixei cair as coisas da Elise assim que entrámos em casa. — Quer dizer que a resposta é não. — O Max sai da cozinha para o corredor. Pega no casaco da Elise, enfia a mão nos pequenos bolsos e depois vira a atenção para a mochila. Tira a muda de roupa, peça por peça, e, quando acaba de a esvaziar, dedica-se às outras roupas penduradas no cabide da entrada. Cachecóis, chapéus, casacos, gorros e chapéus de chuva vão caindo ao chão à medida que ele os inspeciona, um a um.

— Ela deve ter levado as duas luvas — sugiro atrás dele. — Max, temos de ligar à polícia.

Contudo, ele afasta-se de mim novamente, dirigindo-se à pilha de casacos pendurados no corrimão da escada.

— Usaste isto hoje? — Mostra-me um casaco cinzento-claro da *Wallis*.

— Sim. Porquê?

Ele vasculha um bolso e depois o outro, até que me estende a palma da mão. Ao lado de um lenço de papel amarrotado e de um pacote de passas, está uma pequena luva com riscas coloridas.

— Pronto. — Arranca-me a outra luva da mão e exhibe-as na dele, mostrando-me o par. — Duas luvas. Deviam estar as duas no teu bolso. Assoaste o nariz enquanto ias a caminho do carro?

Toco instintivamente no nariz. Tenho as narinas vermelhas da constipação que apanhei há dias.

— É possível. Não me lembro.

— Bem, então foi isso. Uma das luvas caiu-te do bolso quando tiraste o lenço. E essa tal Paula apanhou-a e deu-ta.

O Max solta um suspiro.

— Estás cansada, Jo — acrescenta ele, antes que eu possa reagir. — Não tens dormido bem e o trabalho anda a stressar-te. Deixaste uma desconhecida entrar no teu carro e tiveste um ataque de pânico. É perfeitamente compreensível.

A irritação fervilha dentro de mim perante o seu tom paternalista e aquele olhar de «pobre coitada». Só a custo consigo não gritar.

— Tens razão, Max. Ando *mesmo* cansada. E também estou stressada. E admito que me posso ter enganado com a luva, mas ouvi perfeitamente as palavras daquela mulher. Era uma ameaça, sem sombra de dúvida.

— Está bem. — Ele toca-me no braço, num gesto preocupado, a condizer com o olhar. — Imagina que ligamos à polícia a contar o que se passou.

— Era o que eu estava a sugerir.

— Agora, imagina que és o agente do outro lado da linha. Alguém telefona para a esquadra a dizer que um desconhecido te entregou algo que tinhas deixado cair e te disse que é melhor teres cuidado com as coisas da tua filha. Isso parece-te um crime?

— Se acrescentarem para ter cuidado com a minha filha em tom de ameaça, sim.

— Como a senhora da mercearia, que olhou para ti com ar ameaçador?

— Isso foi diferente! Já te expliquei.

— Pronto, como queiras. — O Max atravessa a cozinha, tira o telefone do descanso e entrega-mo. — Toma. Liga à polícia. Eu estou na sala se precisares de mim.

Vejo-o a desaparecer no corredor, com as mãos nos bolsos, os ombros ligeiramente descaídos. Quando ele entra na sala, a Elise dá um gritinho de alegria, e eu fico a revirar o telefone nas mãos.

Capítulo 4

*F*raqueza. Foi o que vi nos olhos dela. Fraqueza, medo e hesitação. Se um desconhecido me tivesse coagido a deixá-lo entrar no meu carro, eu tê-lo-ia arrancado de lá para fora. Ou melhor, nem o teria sequer deixado entrar. Mas a Jo é fraca. É vulnerável. Caminha com a cabeça baixa, os olhos presos ao passeio, os dedos a retorcerem-se contra o forro gasto dos bolsos do casaco. É um alvo fácil. Como é que podemos respeitar uma pessoa assim? Alguém que se encolhe só de olharmos para ela de uma forma diferente? Que não confia nos seus próprios instintos? Alguém tão fácil de manipular...

Capítulo 5

Não telefonei à polícia. Passei a noite inteira a refletir sobre o assunto, a medir os prós e os contras, enquanto o Max ligava o Netflix e se recostava no sofá com um pacote de *Doritos* e uma garrafa de cerveja. Mal conseguia olhar para ele. De cada vez que ele mastigava ou bebia, eu sentia uma pontada de raiva. Quando nos casámos, ele era capaz de saltar em minha defesa sempre que alguém era inadvertidamente indelicado comigo quando íamos sair à noite. Caminhava do lado da estrada sempre que chovia para me proteger dos salpicos dos carros. Saltava da cama e pegava no taco de basebol se eu ouvisse algum ruído lá em baixo. Pensei que ele fosse a correr para a esquadra assim que eu lhe contei o que acontecera. Em vez disso, limitou-se a olhar para mim como se eu fosse alguma espécie de histérica neurótica. Como é que eu podia queixar-me à polícia se o meu próprio marido não acreditou em mim? Só tinha um nome e uma descrição. O que é que eles fariam com isso? Além disso, eu deveria ter-me dirigido à esquadra, algo que não teria sido capaz de fazer naquele momento.

Às 23 horas, quando o Max resolveu finalmente ir para a cama, lembrei-me de telefonar à Helen, a minha melhor amiga, que mora em Cardiff com o filho, o Ben. Mas era muito tarde. Ela já devia estar na cama há pelo menos uma hora. Então, enviei-lhe uma mensagem a perguntar quando é que seria uma boa altura para conversarmos. Depois abri o meu computador portátil

e pus-me à procura de empregos e de casas em Chester. Há algum tempo que andava a pensar em afastar-me de Bristol. O que aconteceu ontem à noite foi só a última gota.

Agora, sinto os ombros a descontrair e solto um pouco as mãos do volante ao estacionar na rua que passa nas traseiras da casa dos meus pais, nos arredores de Chester. A Elise está a dormir na cadeirinha lá atrás, com o cabelo louro-escuro a tapar-lhe a cara tombada sobre o peito, os braços estendidos, com os dedos abertos e a Elefanta Effie no colo.

A minha mãe surge ao portão do jardim quando puxo o travão de mão e desligo o motor. O cabelo pintado de preto parece mais comprido do que eu me lembrava. Encaracola-se junto às orelhas e cobre-lhe as sobrancelhas. Ela afasta-o da cara, aproximando-se do carro, e bate na janela. Tem um ar exausto.

— Jo? — diz ela, enquanto eu abro a janela. — O que estás aqui a fazer? Eu bem disse ao Andy que achei que tinha ouvido um carro a estacionar.

A minha mãe vive no Reino Unido há mais de 30 anos — vivemos ambas —, mas, apesar de eu ter perdido o sotaque um ano depois de ir para a escola, o dela é tão carregado como quando saímos da Irlanda.

— Não recebeste a minha mensagem?

— Tenho o telemóvel desligado. Já sabes que não gosto de gastar bateria quando estou em casa.

Não consigo evitar um sorriso.

— Podia ser urgente, mãe.

— Mas não era, pois não? Terias telefonado para o fixo se fosse mesmo urgente. — A Elise, ainda a dormir, mexe-se no banco de trás, e a minha mãe olha para ela. — Está tudo bem com a menina?

Queria tanto contar-lhe o que aconteceu ontem. Ela havia de compreender porque é que eu temi pela segurança da Elise, porque é que ainda tenho razões para ter medo. Contudo, já tem demasiado com que se preocupar a tomar conta do meu pai. Não posso deitar mais este peso para cima dela. Só de estar aqui e de a ver, já sinto que consigo respirar de novo.

— Está tudo ótimo. — Faça-lhe sinal para ela se afastar da porta do carro para eu a abrir. — Só nos apeteceu vir ver-te a ti e ao pai. Como está ele?

A minha mãe olha demoradamente para mim.

— Não está grande coisa, meu amor.

Estamos no início de fevereiro, mas faz tanto calor em casa da minha mãe que eu me vejo obrigada a despir-me a mim e à Elise poucos minutos depois de entrarmos, ficando só de t-shirt.

— Tenho de manter a casa aquecida por causa do teu pai — explica-me ela enquanto eu penduro os casacos e as camisolas nas costas de uma cadeira. — Ele agora ressentido-se muito com o frio.

— Podemos ir espreitá-lo?

— Deixa-me só ver como ele está.

Ela sai pela porta da sala e desaparece no corredor. Há um ano, eu teria ouvido os degraus a rangerem enquanto ela subia as escadas até ao quarto principal, mas nos últimos tempos o pai tem andado a dormir na sala de jantar. Foi-lhe diagnosticada esclerose lateral amiotrófica há três anos. Começara a andar especialmente desastrado — deixava cair a cafeteira na cozinha, entornava o chá por cima dele ou tropeçava no tapete da sala de estar — e a mãe queixou-se ao telefone comigo que não o conseguia obrigar a ir ao médico. Quando ele começou a ter dificuldade em falar, lá concordou que era melhor ir a uma consulta. O diagnóstico foi assustadoramente rápido, e em apenas seis meses ele viu-se obrigado a andar de bengala. Dois anos depois, estava confinado a uma cadeira de rodas. Agora não consegue sequer levantar-se da cama.

— O que é isto? — pergunta a Elise, e eu salto na direção dela, intercetando a mãozinha curiosa antes que ela consiga arrebatá-la uma das figuras de porcelana da minha mãe do peitoril da janela.

— É uma bailarina — digo, afastando-lhe os dedos da figura. — É linda, não é?

Ela acena, entusiasmada, com o olhar ainda suspenso na estatueta.

— Sim.

Conduzo a minha filha à volta da sala de estar, mostrando-lhe os outros bibelôs: o pisco de porcelana em tamanho real, a jarra de cristal, o rapazinho a ler um livro sob as pás de um moinho, as gravuras de fadas nas paredes e uma vaca malhada castanha. Tudo o que aqui está foi comprado no Reino Unido. Além da pronúncia

da minha mãe, não há nada na casa que lembre a nossa cultura irlandesa. Eu desisti há anos de tentar falar com ela sobre a Irlanda. Ela fecha-se em copas sempre que alguém lhe pergunta de onde é e porque é que se veio embora. A única coisa que sei é que a melhor amiga dela se chamava Mary, e só porque ela, contra os seus hábitos, bebeu para lá da conta no meu casamento e se pôs a fazer confidências à minha melhor amiga, a Helen. Contou-lhe que também queria que a Mary tivesse sido a sua madrinha de casamento, 40 anos antes, mas que não tinha sido possível. Que tinha saudades da Mary e que não a via há mais de 30 anos. Quando a Helen comentou que nunca é demasiado tarde para nos reaproximarmos daqueles que amamos, a minha mãe respondeu:

— É, se nos odiarem.

A Helen ainda tentou arrancar-lhe mais informações, mas ela desapareceu à procura de outro copo de champanhe.

Por pouco que fosse, a minha mãe até pode ter, inadvertidamente, revelado alguma coisa sobre a sua velha melhor amiga, mas há uma pessoa sobre quem nunca falou: o meu verdadeiro pai. Ele desapareceu três semanas antes de eu fazer 8 anos.

A mãe disse-me que ele tinha ido trabalhar para longe, mas eu não acreditei nela. Via os amigos dela a passarem para o outro lado da rua quando ela se aproximava ao longe. Reparava em como as vozes se calavam e os nossos vizinhos ficavam espicados a olhar para mim sempre que eu ia à mercearia comprar uma garrafa de leite. Os miúdos na rua e no parque infantil começaram a dizer-me que o meu pai era um homem mau e que os pais lhes tinham dito para não falarem mais comigo. Eu não conseguia compreender. Estava triste porque o meu pai se tinha ido embora e sabia que a minha mãe também estava abalada. Porém, ninguém se dignava a dizer-me quando é que ele ia voltar.

Fiquei felicíssima quando, no meu dia de anos, voltei da escola à tarde e encontrei a minha mãe à espera, à porta, com duas grandes malas a abarrotar. Pensei que íamos visitar o meu pai, onde quer que ele estivesse. Pensei que era o meu presente surpresa. Ainda estava empolgada quando, dez minutos mais tarde, o tio Carey apareceu no seu carro amolgado e nos levou à estação de comboios. Não queria estragar a surpresa, mas não consegui deixar

de perguntar à mãe onde é que íamos. Ela desprendeu os lábios e respondeu:

— Para bem longe daqui. Não precisas de saber mais do que isso.

Doze horas depois, chegávamos a Inglaterra. E eu nunca mais vi o meu pai.

Durante dois anos, fomos só nós as duas. Até que ela conheceu o Andy. Não deve ter sido fácil para ele assumir a filha de outro homem — especialmente uma filha que estava à beira da adolescência —, mas ele saiu-se bem. Deu-me espaço quando eu precisava, disputava jogos de tabuleiro comigo quando eu estava entediada e deixava-me passear a *Jessie*, a sua *cocker spaniel*, quando íamos sair todos juntos. Contava-me piadas parvas que me faziam rebolar a rir de tão más e tentou, sem sucesso, iniciar-me nos livros de ficção científica. Era afável, divertido e desajeitado, e eu não conseguia evitar gostar dele. Quando me perguntou se eu me importava que ele pedisse a minha mãe em casamento, desatei a chorar. Se ele se casasse com a minha mãe, passaríamos a ser uma família e ele seria meu pai. Não havia nada que eu quisesse mais na vida.

— O pai está a dormir — diz a minha mãe, de regresso à sala, deixando-se afundar no cadeirão. — Daqui a pouco vou precisar da tua ajuda para o virar, se não te importares. O auxiliar vem hoje à tarde, mas não o quero deixar na mesma posição tanto tempo. Depois fica com escaras.

— É claro que sim.

— Beebies — diz a Elise, apontando para a televisão desligada no canto da sala.

A minha mãe faz menção de se levantar, mas eu digo-lhe que trato disso. Sento a Elise do outro lado do sofá com a Effie e ocupo o lugar ao lado da minha mãe. A música do Mr Tumble preenche a sala.

— Como é que ele está? — pergunto, baixando a voz para a Elise não me ouvir. — Como está o pai?

A minha mãe gira a aliança de ouro no anelar da mão esquerda.

— Não está nada bem, Joanne. O médico pô-lo a riluzol, mas está a deixá-lo muito cansado. E agora tem uma máscara, para o ajudar a respirar. Falaram num tubo de alimentação, mas ele recusou-se.

O meu pai já não consegue falar há pelo menos um ano, mas lá vai arranjanado maneira de dizer se concorda ou não com os tratamentos. Eu bem vi os olhos dele e o esgar que fez quando o Dr. Valentine, cheio de boas intenções, sugeriu que seria melhor interná-lo numa unidade de cuidados paliativos. A mãe foi absolutamente terminante em resposta à ideia, com a voz, geralmente calma, a elevar-se muito, como se estivesse literalmente a falar pelos dois. Nada de hospitais nem de internamentos. O pai quer morrer em casa. A doença já lhe roubou tanta coisa — a liberdade, a voz, o corpo, a dignidade — que decidir onde e como quer morrer é o seu último resquício de controlo sobre a vida.

— Oh, mãe! — Estico o braço para lhe pegar na mão, mas ela está demasiado longe e só lhe consigo afagar o casaco de lã com os dedos. — Quem me dera que morássemos mais perto. Quem me dera poder fazer mais por vocês. Odeio estar assim tão longe. Sinto-me tão culpada.

— Não. — Ela senta-se um pouco mais direita. — Não te ponhas a dizer essas coisas. Tens a tua própria vida, Joanne. Uma casa, um emprego, um marido e uma filha. Ela é que tem de ser a tua prioridade, não nós.

— Mas e se nos mudássemos para mais perto? Não gosto nada da ideia de te deixar a suportar isto tudo sozinha. Bem sei que vem o auxiliar todos os dias, mas...

— Tenho a Elaine Fairchild na porta ao lado. E os meus amigos da igreja. Há muita gente a tratar de mim. Não tens de te preocupar.

Mas ninguém da família. Nem irmãos, nem irmãs, nem sobrinhos, nem sobrinhas. Sei que a minha mãe ainda mantém algum contacto com as irmãs, a Sinead e a Celeste, e com o irmão, o tio Carey — costumo ver os cartões de Boas Festas no lintel da lareira —, mas ela é demasiado orgulhosa para pedir ajuda. É independente e obstinada. Tinha de o ser, para deixar os amigos e a família e recomeçar do zero como mãe solteira em Inglaterra, um país que nunca tinha sequer visitado.

— Estou a falar a sério, mãe. Tenho andado a ver empregos na zona. Há um na universidade. Era capaz de o conseguir com uma perna às costas. Há imensas creches fantásticas e encontrei um lindo *bungalow* em Malpas. Estaríamos ao fundo da rua.

Ela olha para mim de esquelha.

— E o que é que o Max tem a dizer sobre esse teu plano?

Olho para a Elise, a chuchar no dedo, concentrada na televisão.

— Ainda não abordei o assunto com ele.

— Jo... — A minha mãe semicerra os olhos. — O que é que não me estás a contar?

Queria tanto explicar-lhe que tenho andado com problemas e que a mudança me podia ajudar tanto a mim quanto a ela e ao meu pai. Pensei que tudo fosse melhorar quando a Elise nascesse. Achava que, assim que sentisse o corpinho quente dela a remexer-se nos meus braços, a mágoa e o desespero de ter perdido o Henry no segundo trimestre da minha primeira gravidez diminuíssem. Pensei que fosse deixar de sentir a garganta apertada e que o pânico que toma conta do meu peito de cada vez que saio de casa pudesse passar. Que aquele pavor horrível e entorpecedor de que algo de mau está prestes a acontecer havia de desaparecer. Mas não desapareceu. Tornou-se ainda pior. Tínhamos perdido o Henry e eu morria de medo de que perdêssemos também a Elise. Não conseguia dormir, porque estava convencida de que ela pararia de respirar subitamente assim que eu fechasse os olhos. Nunca a perdia de vista, com medo de que alguém a viesse raptar. Durante meses a fio, não permiti que o Max saísse com ela sozinho, porque tinha a certeza de que, se o fizesse, nunca mais veria nenhum dos dois. Tive vários ataques de pânico — uma vez depois de o Max ter voltado ao trabalho, quando tentei ir a um grupo de apoio a mães na igreja, outra vez na farmácia quando fui comprar paracetamol para a Elise —, mas continuei a tentar, continuei a treinar em frente à televisão, continuei a fazer os meus exercícios de meditação. Recusava-me a ser derrotada. Depois, há dois meses, a minha mãe disse-me que o médico tinha dado menos de três meses de vida ao meu pai, eu senti-me a sufocar novamente.

Quando comecei à procura de emprego e de casa em Cheshire, nunca acreditei realmente que fosse tomar essa decisão. Como é que eu poderia *algum dia* mudar-me para outro sítio do país quando não era sequer capaz de ir ao supermercado sozinha? Não passava de um sonho. Uma esperança vã. Porém, ontem, quando aquela mulher entrou no meu carro e ameaçou a minha filha,

algo mudou. Não me transformei em gelatina. Não desmaiei, nem desatei a chorar, desamparada, nem me encolhi a um canto. Mandei-a sair do carro e fui ter com a minha menina. A segurança e o bem-estar da Elise são mais importantes para mim do que qualquer outra coisa. Sei muito bem que ela não pode continuar a viver assim, trancada comigo dentro de casa, e quero acima de tudo mudar isso. Quero que a vida dela seja uma aventura, e não uma prisão.

— Não sou feliz, mãe — respondo. — O Max e eu... As coisas não andam nada bem há algum tempo, e só estão a piorar. Vou pedir o divórcio.

— O divórcio? Tens mesmo a certeza? Talvez alguma espécie de terapia de casal pudesse ajudar. Ou mesmo o padre da paróquia.

Sinto o coração cair-me aos pés enquanto ela continua a fazer sugestões. Felizmente, a Elise está completamente alheada do que se passa. O mundo tal como ela o conhece vai desabar nos próximos tempos, e cabe-me a mim protegê-la o melhor possível. Só me resta esperar que o Max aceite uma separação amigável, mas, lá no fundo, sei que não é isso que vai acontecer. Apesar de no passado ele ter ameaçado várias vezes que se ia embora, ele nunca seria capaz de me abandonar a mim e à Elise. É filho único, e os pais já morreram — nós somos a sua única família. Quando lhe disser que me quero mudar com a Elise para Chester, ele vai ficar destroçado.

Capítulo 6

Chester? *Chester?! Max* vai dando voltas pela casa, com os punhos cerrados e os braços cruzados. A sua mulher andava a pensar mudar-se para Chester e achou que não valia a pena partilhar isso com ele? Tinha entrado por acaso no portátil dela, enquanto estava a instalar umas atualizações no seu, e descobriu que Jo deixara três páginas abertas no *Firefox* — uma de um emprego de apoio estudantil na Universidade de Chester, outra de uma agência imobiliária e outra de uma escola pré-primária em Malpas. Teria sido essa a verdadeira razão para ela ir a Chester? Para ir a uma entrevista de emprego ou ver uma casa antes de ir visitar os pais? Ele estivera quase a ligar-lhe no dia anterior, quando abriu o portátil, mas depois mudara de ideias. Aquela era uma conversa que precisavam de ter frente a frente. Estava a remoer-se por dentro há quase 48 horas.

Sai do seu quarto para o da filha e olha para o relógio. São 17h17. Jo enviara-lhe uma mensagem a dizer que chegavam por volta das 17, 17 e picos.

Baixa-se para apanhar uns legos e um urso de peluche, abandonados no meio do quarto, e arruma-os numa caixa de brinquedos de plástico cor-de-rosa ao lado do berço de Elise. Fecha as cortinas e alisa o edredão. Depois, sem nada com que se ocupar, senta-se no chão, ao lado do berço. Passa a mão pela colorida capa de edredão com a Porquinha Peppa e estica o braço para um livro nas prateleiras ao lado, o preferido da filha: *O Conto do Bicho-de-Conta*.

Já o leu centenas de vezes, e Jo também. Faz parte da rotina de Elise quando chega a hora de ir para a cama: dentes, pijama, leite e livro. Surpreende-o até que Jo não o tenha levado consigo.

A ansiedade revolve-lhe o estômago enquanto passeia os olhos pelo quarto da filha: as nuvens brancas que parecem pairar no papel de parede cinzento à sua frente; o quadro do pinguim a segurar num ramalhete de balões; a tenda que Elise passa a vida a atafulhar de peluches, mas em que quase nunca entra. É tudo tão silencioso sem a filha a saltitar pelo quarto ou a cantar algaraviadas na sua voz fininha. Tão vazio. Era assim que seria para sempre se Jo a levasse com ela. Fecha os olhos para reprimir essa ideia, mas já não é medo que sente: é raiva. Ali está ele, a arrancar os cabelos só de pensar que pode ficar sem a filha, quando o seu próprio pai não se podia estar mais nas tintas para ele e para o irmão. Ninguém teria surpreendido o velho Jeff Blackmore deitado no chão, a choramingar e a suspirar por causa de uma capa de edredão e de um livro preferido. A maior parte do tempo, ele nem sequer se lembrava da existência dos filhos.

Max recompõe-se quando a família regressa finalmente pouco depois das 18 horas. Recebe Jo com um beijo na cara e pega em Elise ao colo, abraçando-a com força antes de a voltar a pousar. Ela corre para a sala de estar, a pedir-lhe que jogue aos cubos com ela. Max leva alguns segundos a reparar que Jo não foi atrás deles. Continua parada no corredor, com uma mão sobre a coluna e outra apoiada na parede. Ela explica-lhe que deu um jeito nas costas a ajudar a mãe a mudar Andy de posição na cama e que tem andado cheia de dores desde então. A viagem de três horas de carro foi insuportável, conta, e agora quase não se consegue mexer. Ele ajuda-a a caminhar até à sala e ampara-lhe o peso enquanto ela se baixa e se deita no chão para aliviar as dores. Depois, vai buscar as malas ao carro e leva-as para o quarto.

Passam duas horas num piscar de olhos, enquanto ele dá de comer a Elise, vai buscar o ibuprofeno e um copo de água para Jo, e depois trata sozinho da rotina da hora de deitar, com a mulher a berrar-lhe ordens deitada no chão da sala: «Não te esqueças de lhe

lavar os dentes!»; «Vê lá se ligas a luz de presença!»; «Aqueceste-lhe o leite?»

Ele vai ficando mais irritado de cada vez que a ouve.

Quando finalmente regressa à sala de estar, com Elise já aconchegada no berço, vê que Jo conseguiu arrastar-se e sentar-se no chão com as costas apoiadas contra a base do sofá. Ficam os dois sentados em silêncio durante cinco minutos, a fitar a imagem no canal infantil que diz: «Então, boa noite! Voltamos a encontrar-nos amanhã de manhã.» A invalidez temporária de Jo deixou Max desalentado. Ele sabe que não é a melhor altura para conversar sobre aquilo que descobriu no computador dela, mas não consegue deixar de pensar nisso. Não seria capaz de ir trabalhar no dia seguinte com o assunto assim em suspenso. Iria consumi-lo todo o dia.

— Então? — Tosse ao de leve. — Quando é que estavas a pensar dizer-me que te queres mudar para Chester?

Jo estremece, mas não se vira para olhar para ele.

— Desculpa?

— Dei por acaso com as páginas que andaste a consultar no teu computador. A casa, o emprego, a escola.

— Podemos falar sobre isso amanhã, por favor?

A voz dela está tão tensa quanto os seus músculos das costas.

— Não, quero falar agora.

Jo continua a fitar o ecrã esverdeado da televisão.

— Por favor, Max. Estou em sofrimento.

Max inspira pelo nariz para se acalmar. Se não fosse nada de sério, ela dir-lhe-ia logo, mas o silêncio está a assustá-lo. Que brincadeira é aquela? Porque é que ela se recusa a falar?

— E achas que eu não estou?

— Não me faças isto, por favor. — Ela vira a cabeça lentamente para olhar para ele. — Tive um dia horrível. O meu pai está muitíssimo pior, e a última coisa que eu queria hoje à noite era discutir contigo.

Como é que ele podia ignorar um pedido daqueles? Não podia e não devia. Mas a verdade é que há sempre algum problema com Jo, levando-o sistematicamente a morder a língua em vez de falar com ela sobre aquilo que o preocupa. Primeiro eram os ataques de pânico, depois a agorafobia. Agora o pai dela está a morrer.

Andy tem andado mais para lá do que para cá nos últimos dois anos. Ainda Elise não tinha nascido e já eles viviam no fio da navalha, trocando olhares assustados de cada vez que Brigid ligava, com medo de que fossem más notícias. E agora, para cúmulo, Jo deu cabo das costas. Mais uma desculpa para o calar.

— É por causa do que aconteceu no dia antes de ires embora? — pergunta ele. — Estás chateada comigo porque não liguei à polícia?

O rosto dela revela um lampejo de fúria.

— A Elise estava em perigo, mas, em vez de me apoiares, trataste-me como se eu fosse uma idiota. Coitadinha da Jo, a reagir descontroladamente à mais pequena coisinha. É a nossa *filha*. Pouco me importa que tenhamos excesso de zelo, desde que ela esteja a salvo.

— Ela não estava em perigo. Ou melhor, estava tanto como quando atravessa a rua ou brinca no parque. Mas é claro que não pode fazer nada disso, sempre fechada em casa, numa redoma, a sufocar!

— Cala-te! — grita Jo. — Não te atrevas a ir por aí, Max.

— Eu acho que devíamos falar sobre o assunto. Acho que devíamos discutir o facto de, pelos vistos, estares demasiado doente para leares a nossa filha aonde quer que seja, tirando a creche, mas pensares que podes perfeitamente planear mudares-te com ela para Chester sem mim, e sem sequer me consultares. Arranjar um emprego novo. Inscrevê-la numa nova creche. Construir uma nova vida sozinha.

— Estou a tentar pôr-me boa, Max. — O olhar de Jo continua cortante, mas a voz parece embargada, como se estivesse a tentar não chorar. — Estou a tentar seguir o melhor caminho para toda a gente: para a Elise, para a minha mãe, para o meu pai, para mim.

— Mas para mim não? — Ele tem de invocar todas as forças que lhe restam para esconder a dor que lhe rasga o peito. Sempre soube que ocupava o fundo da lista de prioridades de Jo, mas dói demasiado ouvi-la *dizer* isso em voz alta.

— Para ti também! — diz Jo. — Não fiz outra coisa nos últimos 12 anos que não fosse apoiar-te, mas tu nunca me ouves quando eu tento dizer-te o que quero.

— Eu ouço-te! — Max levanta-se da cadeira de um salto. — Passo a vida a ouvir-te.

— Não ouves nada. Não ouves nem uma palavra do que eu digo. Eu *disse-te* para não te meteres nessa coisa do jornalismo de investigação, porque podia haver represálias, e tu deste-me uma palmadinha na nuca e disseste que não valia a pena aqui a tolinha preocupar-se com isso.

— Isso não é verdade.

— É, sim. Puseste-te a ti primeiro, Max. Sempre vieste em primeiro lugar. Sempre girou tudo à tua volta e da tua carreira. Eu aturei isso enquanto éramos só nós dois, mas agora somos uma família.

— Achas que eu não sei?

— Bem, claramente, não te interessa muito. Caso contrário, não te estarias a borrfifar quando eu te contei que uma estranha ameaçou a nossa filha e...

— Eu adoro a Elise! — grita Max com dor, raiva e frustração. Descerra o punho da mão direita e arremete contra as fotografias emolduradas sobre a lareira, atirando-as com estrépito ao chão. Porque é que a Jo está a ser assim? Porque é que o está a atacar quando ele só está a tentar agir corretamente? Ele tentou sempre agir corretamente. Tem uma vaga consciência de ouvi-la a gritar-lhe para parar, ao vê-lo atravessar a sala como um furacão, agarrando, partindo e destruindo todas as coisas que ele pagou com o seu dinheiro, tudo aquilo por que trabalhou tanto. Então, ouve-a finalmente, e consegue registar a ameaça que faz o sangue gelar-lhe nas veias.

Capítulo 7

***E**stou de olho em ti, Jo. Há muito tempo que estou de olho em ti. Sei aonde vais, o que fazes e com quem falas. E sei qual é o teu ponto fraco. Algumas mulheres ficam mais fortes quando se tornam mães. Ficam mais alertas ao perigo, mais rápidas a reagir, mais preparadas para se defenderem. Mas tu não és uma mãe tigre, Jo. Tu és a presa. E, se tentares desaparecer numa toca de coelho com a Elise, eu hei de apanhar-te. Quero o que é meu e sei exatamente como o reaver.*

«Um thriller vertiginoso que consegue manter
a tensão do princípio ao fim.»

THE SUNDAY TIMES

Quando uma estranha pede uma simples boleia a Jo Blackmore, esta concorda, mas rapidamente se arrepende de o ter feito. Afinal, a mulher sabe o nome de Jo, conhece o seu marido, Max, e tem em seu poder uma luva que pertence a Elise, a filha de 2 anos de Jo.

O que começa por ser uma ténue ameaça de uma desconhecida rapidamente se transforma num pesadelo, quando a polícia, os serviços sociais e até o próprio marido começam a duvidar das capacidades mentais de Jo.

Ninguém parece acreditar que Elise esteja em perigo, e a mulher estranha começa a apertar o cerco. Nesse momento, Jo sabe que só existe uma forma de manter a filha a salvo... FUGIR!

«Uma leitura envolvente e perturbadora.»

HELLO



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-29-6



9 789898 8869296

Thriller